



Fatores associados à Ansiedade em Estudantes de uma Faculdade Particular

Palloma Prates Medeiros¹; Felipe Oliveira Bittencourt²

Introdução: A ansiedade e o stress surgem como mecanismo de fuga na dificuldade de adaptação. Um estudo atual mostrou que mais da metade dos estudantes universitários apresentavam sintomas psicológicos, decorrentes do estresse sofrido na graduação. **Objetivo:** analisar os motivos causadores da ansiedade em alunos que ingressam no ensino superior. **Metodologia:** a pesquisa possui caráter descritivo, quanto à natureza da pesquisa é quali-quantitativa. A pesquisa foi desenvolvida município de Vitória da Conquista/BA. A coleta de dados foi realizada na Faculdade Independente do Nordeste. Os participantes do presente estudo foram selecionados por faixa etária de 19 a 25 anos, em estudantes da área da saúde. **Resultados e discussões:** Os resultados revelaram a presença de ansiedade em quase metade na população acadêmica pesquisada, com um índice mais elevado de ansiedade entre as mulheres, que apresentam leve ansiedade em 28,8% da amostra, ansiedade moderada em 9,6% e ansiedade severa 2,7%. Cabe destacar que esses dados que estão em conformidade com a ampla maioria dos estudos de mesma ordem, tanto a nível nacional como internacional. **Considerações Finais:** Os resultados deste estudo podem ser usados para traçar um perfil de estudantes em maior risco de ansiedade, vislumbrando a criação de estratégias e ações, por parte das faculdades e universidades, que visem a intervenção precoce e resolução dessa demanda.

Palavras-Chave: Estresse; Ensino superior; Eventos estressores.

Factors associated with anxiety in students of a private college

Abstract: Anxiety and stress appear as a mechanism of escape in the difficulty of adaptation. A current study showed that more than half of college students presented with psychological symptoms, due to the undergraduate stress. **Objective:** to analyze the causes of anxiety in students entering higher education. **Methodology:** the research has descriptive character, as to the nature of the research is qualitative quantitative. The research was developed municipality of Vitória da Conquista / BA. Data collection was done at the Faculdade Independente do Nordeste. The participants of this study were selected by age group of 19 to 25 years, in students of the health area. **Results and Discussion:** The results revealed the presence of anxiety in almost half of the studied population, with a higher index of anxiety among women, with mild anxiety in 28.8% of the sample, moderate anxiety in 9.6% and Severe anxiety 2.7%. It should be noted that these data are in line with the vast majority of studies of the same order, both nationally and internationally. **Finish Considerations:** The results of this study can be used to draw a profile of students at greater risk of anxiety, envisaging the creation of strategies and actions by colleges and universities that aim at early intervention and resolution of this demand

Keywords: Stress; Higher education; Stressful events

¹Palloma Prates Medeiros Graduada do curso de enfermagem na Faculdade Independente do Nordeste.
E-mail: palloma.condeuba@gmail.com

²Felipe Bittencourt, Esp. Farmácia Magistral, Esp. Farmácia Hospitalar e Mestre em Saúde e Ambiente. Professor dos Colegiados de Farmácia e Enfermagem – FAINOR. E-mail: felipe@fainor.com.br



Introdução

Nas últimas décadas, mudanças expressivas nos padrões sociais e nos níveis de organização das sociedades passaram a exigir do ser humano grande capacidade de adaptação física, mental e social. Nesse contexto, a ansiedade e o *stress* surgem como mecanismo de fuga. Vale ressaltar que em estudantes do ensino superior, esta adaptação deve ser rápida, pois as mudanças no contexto em que estavam inseridos e em que estão agora são evidentes (BALLONE, 1999; SILVEIRA *et.al.*, 2011; BRANDTNER; BARDAGI, 2009).

Números altos indicam a proporção de pessoas que são acometidas por estresse ou ansiedade nos últimos anos. No que diz respeito especificamente aos estudantes, muitos estudos científicos problematizam o estresse e ansiedade nesta população uma vez que são altos os números de patologias ansiosas acometem tais indivíduos (SILVEIRA *et. al.*, 2011).

Durante a faculdade o estudante se depara com problemas antes não vivenciados. Conforme a rotina de estudos aumenta e a jornada na faculdade fica mais intensa, o estudante fica vulnerável para desenvolver sobrecarga psicológica, isso pode influenciar no comportamento, desencadeando alguns tipos de transtornos, como por exemplo, os transtornos de ansiedade ou transtornos ansiosos (FERREIRA *et. al.*, 2009).

A ansiedade neste contexto em que aparece é benéfica, considerada um sinal de alerta, determinada pela presença de um conflito interno, cuja função é avisar sobre um perigo iminente e tomar medidas para lidar com esta ameaça. No entanto, a presença de estressores, tais como o “excesso de tarefas acadêmicas, a falta de motivação para os estudos e a carreira escolhida, a existência de conflitos com colegas e professores, a apresentação de trabalhos, dificuldades na aquisição de materiais e livros” (BRANDTNER e BARDAGI, 2009, p. 81) podem gerar uma situação de ansiedade maléfica.

A ansiedade maléfica por sua vez, é caracterizada como uma patologia e traz sérios danos a saúde física e mental (BRAGA *et. al.*, 2010). Um estudo realizado por Costa *et. al.*(2015), revelou que cerca de 60% dos universitários de uma instituição privada de Uberlândia (MG), apresentavam sintomas psicológicos decorrentes do estresse sofrido durante a graduação.

Na atual conjuntura, nota-se de modo geral, embasados por artigos científicos que um número elevado de estudantes após ingressarem na faculdade desenvolvem algum tipo de



transtorno, em especial relacionado a ansiedade. Dessa forma, diante da proporção apresentada sobre o problema ansiedade, esse trabalho vem desenvolver um estudo que visa contribuir cientificamente para identificação de transtornos ansiosos ou traços ansiosos em estudantes do ensino superior. Sua relevância social se mostra uma vez que estudos como estes são capazes também de fomentar discussões e suscitar melhorias ou definir possíveis soluções para este problema dentro das instituições de ensino superior.

Metodologia

O objetivo deste trabalho é a descrição das características de determinada população ou fenômeno e de abordagem qualiquantitativa, com pesquisa de campo, exploratória com abordagem descritiva. Esta pesquisa é baseada na coleta de dados sobre os fatores associados à ansiedade em estudantes de uma faculdade particular em Vitória da Conquista-Ba e de investigações bibliográficas através da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) durante o período de julho a novembro de 2016.

O estudo foi realizado através da aplicação de um instrumento de caracterização sociodemográfica, além do questionário validado de BECK (1996) em estudantes por faixa etária de 19 a 25 anos, a análise sendo feita primeiramente através de estatística descritiva dos dados e posteriormente a utilização da análise Kruskal Wallis, para verificar uma possível associação entre as variáveis do estudo foi utilizado um nível de significância de $P = 0,05$ e todas as análises foram feitas no software estatístico SPSS 23,0 da IBM.

Resultados e Discussão

A amostra foi composta por 110 estudantes universitários, composta em maioria por mulheres (73%), com estado civil de solteiros (54%), que exercem atividade remunerada (79%), não praticantes de atividades físicas (60%), declarantes como pertencentes à classe social E (57,3%). Os outros resultados das variáveis pertencentes as características sociodemográficas da amostra podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil Sóciodemográfico dos entrevistados.

Variáveis	Frequência	Porcentagem (%)
Sexo		
Feminino	73	66,4
Masculino	37	33,6
Estado Civil		
Casado	43	39,1
Divorciado	8	7,3
Solteiro	54	49,1
Viúvo	3	2,7
Que trabalham		
Sim	79	71,8
Não	31	28,3
Atividade Física		
Não	60	54,5
Sim	50	45,5
Classe Social		
Classe B	3	2,7
Classe C	12	10,9
Classe D	28	25,5
Classe E	63	57,3
Não Consta	4	3,6

Fonte: Pesquisa.

Esse resultado aponta para uma preponderância do gênero feminino no ambiente universitário, dado compatível com o apontado em outros estudos como o de Souza (2010) e por Rezende *et.al.* (2008).

Apresentando dados similares, Maso e Feitosa (2013), também observaram em sua pesquisa em faculdades particulares, que a maioria dos estudantes universitários pesquisados era do sexo feminino (68%), e apresentavam-se no estado civil de solteiros (69,7%), resultado também verificado nesse estudo.

Em relação ao trabalho, o estudo de Quintino *et al* (2014) corrobora com os resultados encontrados nessa pesquisa, pois verifica-se que a maior parte dos estudantes participantes da amostra trabalham (61,0%), ou realizam alguma atividade laboral.

Quanto a prática de atividade física, Quintino *et al* (2014) observou, em sua pesquisa frente a universitários, que a grande maioria da sua amostra (81,4%) apresentam comportamento ativo, ou seja realizam atividades físicas, sendo que somente 18,6% não

realizam atividade física.

Em relação ao nível socioeconômico Maso e Feitosa (2013), encontraram um resultado diferente em sua amostra, pois revelou que 6,7% eram classificados no nível econômico A, 47,8% pertencia à classe B, 40,9% foi classificada no nível C e 4,5% pertencia à classe D. Esses dados são muito diferentes dos encontrados nesse estudo, em que se verificou a prevalência de mais da metade dos estudantes se declarando pertencentes a Classe E.

Esses dados relativos a presença de indivíduos de classes sociais com menor poder aquisitivo podem ser efeito das políticas públicas de acesso à educação superior, que promoveram nos últimos anos a entrada de alunos oriundos de classes sociais diferenciadas, mesmo dentro das universidades particulares.

Na Tabela 2, apresentam-se, de forma integrada, os resultados sobre o grau de ansiedade verificado na pesquisa frente aos estudantes que compuseram a amostra desse estudo. Nesses dados, percebe-se que a maioria dos alunos apresenta nível mínimo de ansiedade (62,7%), seguido de leve ansiedade (27,3%), ansiedade moderada (6,4%) e ansiedade severa (3,6%).

Tabela 2 – Grau de Ansiedade dos entrevistados.

Variáveis	Frequência	Porcentagem (%)
Grau de Ansiedade		
Ansiedade Moderada	7	6,4
Ansiedade Severa	4	3,6
Leve Ansiedade	30	27,3
Nível Mínimo de Ansiedade	69	62,7

Fonte: Pesquisa.

Mediante os dados apontados nesse estudo, percebe-se que boa parte da amostra apresenta algum traço de ansiedade. Os graus moderada e severa representam 10% da população pesquisada. Segundo Szpak e Kameg (2013) cerca de 12% da população universitária apresentam esse grau semelhante e o transtorno de ansiedade é o problema mais comum de saúde mental verificado entre os estudantes, promovendo a falta de interesse na aprendizagem, o mau desempenho nos exames e nos trabalhos acadêmicos.



Cabe salientar que, segundo Carvalho *et. al.* (2015), o ingresso na universidade é considerado como um desafio, onde existem inúmeros aspectos que podem ser percebidos como estressores, além disso, Brandtner e Bardagi (2009) enunciam que o início da vida adulta, momento em que a maioria dos estudantes entra na universidade, é o período em que os transtornos mentais têm maior chance de surgir e 10% dos distúrbios não psicóticos são associados à ansiedade e à depressão.

Um estudo que tem resultados bem próximos aos percebidos nesse trabalho é o de Oliveira (2013), que em pesquisa frente a 116 estudantes do curso de medicina da UFBA, utilizando-se do Inventário de depressão de Beck (IDB), averiguou que 43% de sua amostra apresentaram sintomas de depressão, sendo que destes 8,6% apresentaram sintomas de depressão moderada ou severa e 34,5% apresentaram sintomas de depressão leve a moderada.

Esses dados também encontram semelhança em outros estudos, como o de Kurebayashi e Prado (2012), que ao considerar a amostra total de sua pesquisa, notou que o nível de ansiedade leve foi encontrado em boa parte dos universitários e o nível alto (severo) em 5,48%, bem próximo do diagnosticado nessa pesquisa que foi de 3,6%.

No entanto, nessa mesma pesquisa, só que estudando os níveis de ansiedade em estudantes de enfermagem, os dados apontam diferença bem maior entre os graus de ansiedade constatados nesse estudo, pois Kurebayashi e Prado (2012) concluíram que, dos sujeitos pesquisados, 43,66% dos estudantes apresentaram nível alto de ansiedade e 36,62%, nível moderado.

Nos estudos de Paula *et. al.* (2014), em que se avaliou a prevalência de depressão entre os estudantes de medicina de uma região do sertão nordestino, os dados indicam a prevalência de sintomas depressivos em 28,8% da amostra, índice que também aproxima-se do encontrado nesse estudo, mas que está acima da prevalência de transtornos depressivos na população geral, indicados na American Psychiatric Association (2013), que gira em torno de 7% a 12,6% ao longo da vida.

Outros estudos também que corroboram com os dados desse estudo, mesmo que sem a mesma estatística averiguada, mas mostram que a ansiedade está bem presente na vida dos estudantes universitários.

No estudo de Baptista (2006), o qual investigou o transtorno da ansiedade em estudantes universitários brasileiros das mais variadas áreas foi observado uma prevalência de 11,6% de

transtorno nos alunos universitários, sendo considerado como um índice elevado. Em pesquisa de Tabalipa *et. al.* (2015) a prevalência de ansiedade encontrada foi de 35,5%, em acadêmicos de Medicina, sendo superior à média encontrada na população em geral. A prevalência de sintomas ansiosos também foi averiguada num estudo de Vergara, Cardenas e Martinez (2014) frente à 973 estudantes universitários da cidade de Cartagena, na Colômbia, onde o índice encontrada foi de 76,2%. Em outra pesquisa, feita por Serra, Dinato e Caseiro (2015), com amostra de 657 alunos de Medicina, foi demonstrado que 21% dos estudantes apresentaram ansiedade.

Portanto, a ansiedade segundo Cardozo *et. al.* (2016), é comum entre os estudantes universitários, pois está relacionada com diversos elementos ambientais e psicológicos, sendo responsável por preparar o indivíduo para situações de ameaça e perigo, mas que juntamente com o medo, envolvem fatores cognitivos, comportamentais, afetivos, fisiológicos e neurológicos que modulam a percepção do indivíduo ao ambiente, provocando respostas específicas e direcionando a algum tipo de ação.

Na Tabela 3, última análise bivariada desse estudo, relaciona as variáveis, sexo e grau de ansiedade, presentes na amostra de estudantes universitários participantes dessa pesquisa. Os dados coletados dessa associação mostram que entre as mulheres o nível mínimo de ansiedade é mais presente na amostra (58,9%), sendo seguida pela leve ansiedade (28,8%), ansiedade moderada (9,6%) e ansiedade severa (2,7%). Entre os homens os resultados apontam somente três tipologias, sendo o nível mínimo de ansiedade o mais presente (70,3%), seguido pela leve ansiedade (24,3%) e pela e ansiedade severa (5,4%), não ocorrendo, portanto, casos de ansiedade moderada.

Tabela 3 – Relação entre sexo e Grau de Ansiedade dos participantes da amostra.

Varáveis (Sexo e Grau de Ansiedade)		Frequência	Porcentagem (%)
Feminino	Ansiedade Moderada	7	9,6
	Ansiedade Severa	2	2,7
	Leve Ansiedade	21	28,8
	Nível Mínimo de Ansiedade	43	58,9
Masculino	Ansiedade Moderada	0	0,0
	Ansiedade Severa	2	5,4



Leve Ansiedade	9	24,3
Nível Mínimo de Ansiedade	26	70,3

Fonte: Pesquisa.

Esses dados reforçam estatísticas presentes em pesquisas da comunidade científica americana, onde aponta que as mulheres tem mais predisposição do que homens para desenvolver transtorno do pânico (7,7% versus 2,9%), transtorno obsessivo compulsivo (6,6 versus 3,6%) ou transtorno de estresse pós-traumático (12,5% versus 6,2%) durante a vida (KESSLER *et. al.*, 1994 *apud* GAMA *et. al.*, 2008). É possível que essa maior predisposição esteja associada ao fato de que mulheres apresentem naturalmente um traço mais ansioso que os homens.

Nessa mesma ótica, Vasquez *et. al.* (2012) aponta que estudos epidemiológicos sobre a prevalência de tipos de temperamento na população geral na Europa, Oriente Médio e Coréia do Sul têm evidenciado que o temperamento ansioso é o mais frequente entre as mulheres.

Ao analisar a variável sexo na universidade, Oliveira (2013) obteve resultados que apontam a tendência do sexo feminino a apresentar níveis mais elevados de depressão leve, ansiedade leve e moderada quando comparado ao sexo masculino. Colares (1999 *apud* Oliveira 2013) nessa mesma perspectiva enumera que em seu estudo, ocorre maior prevalência de estudantes do gênero feminino, com percentual de 46,7%, contra 37,7% do gênero masculino, que apresentam ansiedade, reforçando assim os dados da literatura.

No estudo de Gama *et. al.* (2008), resultados semelhantes ao desse trabalho também são encontrados, pois as diferenças entre os gêneros são significativas, com mulheres apresentando maiores escores de ansiedade que os homens. Vasconcelos *et. al.* (2014), também evidenciou em seu estudo, que a maioria dos participantes era do sexo feminino e que esse grupo também apresentou maior proporção de sintomas sugestivos de ansiedade com 71,1% da amostra, em relação aos homens que representaram 28,9% dos entrevistados.

Corroborando com os resultados encontrados Bordignon (2012), numa pequena amostra composta por 24 estudantes universitários, averiguou que em sua avaliação sobre a presença de sintomas de sintomas de ansiedade, 33,3% dos pesquisados mostraram sintomas em grau mínimo, 33,3% de grau moderado, 20,8% de grau grave e 12,5% grau leve, sendo que a maioria era do sexo feminino, com 75% de prevalência.



Um fator que pode esclarecer o predomínio de níveis mais elevados de ansiedade no sexo feminino é o fato de vivermos em uma sociedade em que a mulher ainda tem que vencer maiores obstáculos para ingressar em uma carreira que lhe permita uma maior independência social e econômica, enfrentando mais conflitos que os homens e por isso tendem a reagir com maior grau de ansiedade em condições de pressão psicológica (CARVALHO *et. al.*, 2015).

No entanto, alguns estudos apresentam resultados diversos aos apresentados nesse trabalho. Segundo Pereira (2012), em relação a sexo, os resultados encontrados evidenciaram sintomas de ansiedade maior nos homens que nas mulheres, onde a ansiedade mínima apresenta 39,1% nos homens e 52% nas mulheres, a ansiedade leve 31,9% nos homens e 27,4% nas mulheres, a ansiedade moderada 19,2% nos homens e 13,9% nas mulheres, e a ansiedade grave 9,8% nos homens e 6,7% nas mulheres. Outros estudos que apresentam o resultado de maior preponderância de ansiedade entre os homens são os de Abou-Saleh, Ghubash e Daradkeh (2001), nos Emirados Árabes Unidos, pois foi encontrada uma prevalência maior de ansiedade entre o sexo masculino (0,6%) do que entre o feminino (0,3%), e os estudos de Menezes, Fontenelle e Versiani (2006) onde há predominância de ansiedade em homens nas amostras em estudos epidemiológicos.

Portanto, mesmo existindo alguns estudos apontando resultados diversos, o presente estudo confirmou a tendência que aparece em vários estudos nacionais e internacionais, com a preponderância do gênero feminino em relação ao gênero masculino na ocorrência da ansiedade dentro do ambiente universitário.

Desta forma, como salienta Cardozo et al (2016), considera-se necessária a implementação de estratégias que permitam identificar as dificuldades vivenciadas pelos acadêmicos favorecendo a busca por soluções para os conflitos que incidem na qualidade de vida dos estudantes.

Considerações Finais

Mediante as conceptualizações realizadas nesse estudo, frente aos dados coletados e analisados, evidencia-se a prevalência geral de ansiedade entre os estudantes universitários



pesquisados, sendo o grupo das mulheres o que mais apresenta dados de ansiedade em todos os graus.

Como resultados diretos desse estudo, pode-se perceber que as principais prevalências sociodemográficas da amostra indicaram que os estudantes participantes da pesquisa eram em sua maioria do sexo feminino, solteiros, que trabalhavam, não praticavam atividades físicas e se declaravam como pertencentes à classe social E.

Outro resultado desse estudo foi a evidência da prevalência da ansiedade em alunos universitários, num nível bastante alto, especialmente entre as mulheres, que apresentam dados estatísticos em conformidade com a tendência de estudos nacionais e internacionais.

Esses resultados permitem indicar a necessidade de se repensar o ambiente universitário, mostrando que as instituições de ensino superior devem criar mecanismos visando o desencadeamento, manutenção e prevenção dos sintomas de ansiedade, sendo esse um importante passo para a solução, ou pelo menos a minimização dos efeitos negativos que a ansiedade tem sobre a saúde mental dos estudantes.

Dessa forma, ressalta-se aqui que os resultados deste estudo podem ser utilizados para traçar um perfil de estudantes da universidade particular pesquisada, de modo a verificar o risco de ansiedade, e conseqüentemente se elaborar esforços e estratégias de intervenção para essa demanda patológica.

Nesse sentido, os gestores das instituições de ensino superior, bem como os profissionais envolvidos com questões psicopedagógicas, e até mesmo os docentes deveriam refletir sobre este contexto verificado nesse estudo, de modo a conhecer melhor as características dos alunos, buscando promover a articulação de estratégias e ações, que visem o auxílio aos educandos, para que esses possam enfrentar as dificuldades diárias, de modo efetivo, visando assim a redução do sofrimento psicológico e promovendo a melhoria de sua qualidade de vida, fator esse que pode representar a melhoria dos resultados acadêmicos.

Por fim, cabe salientar que esses resultados apontam para a necessidade de novos e mais aprofundados estudos sobre a ansiedade entre os estudantes universitários, pois contando com amostras maiores pode-se elencar outras demandas e garantir um resultado mais seguro.

Assim, através de uma análise mais ampla, que englobando múltiplos aspectos sociais, econômicos, demográficos e emocionais poderá se estabelecer com mais precisão, os fatores



que influenciam de forma positiva e negativa a população de estudantes, no que se refere à prevalência de ansiedade no ambiente universitário.

Referências

ABOU-SALEH, M. T.; GHUBASH, R.; DARADKEH, T. K. Al Ain community psychiatric survey. I. Prevalence and socio-demographic correlates. **Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol**, n. 36, 20-28, 2001.

ALMEIDA, J. M. D. **Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em docentes do curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia**. Monografia (Conclusão de Curso). Salvador: JMD, Almeida, UFBA, 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 4th ed. Washington DC; 2000.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5**. Washington: American Psychiatric Publishing; 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). **Diagnóstico e Tratamento dos Transtornos de Ansiedade**. Associação Médica Brasileira e Conselho Federal de Medicina. Rio de Janeiro. 2008

BALLONE, G.J. **Estresse**, in. PsqWeb, programa de Psiquiatria Clínica na Internet, <http://meusite.osit.com.br/ballone/>, Campinas, SP, 1999.

BAPTISTA, C. A. **Estudo da prevalência do transtorno de ansiedade social em estudantes universitários**. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental). Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2006.

BORDIGNON, D. L. Sintomas de Depressão e Ansiedade em População Universitária. **XXII Mostra de Iniciação Científica da UPF**. Publicado em 2012. Disponível em <http://semanadoconhecimento.upf.br/download/deomar_luis_bordignon-139221-resumo-sintomas_de_depressao_e_ansiedade_em_populacao_universitaria.pdf> Acesso em 10 de Novembro de 2016

BRANDTNER, M; BARDAGI, M. Sintomatologia de Depressão e Ansiedade em Estudantes de uma Universidade Privada do Rio Grande do Sul. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, Uberlândia-MG, 2009.

BRAGA, J.E.F. et al. Ansiedade Patológica: Bases Neurais e Avanços na Abordagem Psicofarmacológica. **Revista Bras. de Saúde**, n. 14(2) 2010.



CARDOZO, M. Q.; GOMES, K. M.; FAN, L. G.; SORATTO, M. T. Fatores associados à ocorrência de ansiedade dos acadêmicos de Biomedicina. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 9, n. 2, maio/ago. Maringá-PR, 2016.

CARVALHO E. A.; et al. Índice de Ansiedade em Universitários Ingressantes e Concluintes de uma Instituição de Ensino Superior. **Revista Cienc. Cuid. Saúde**, Jul/Set, n. 14(3), 2015.

COELHO A.T. et al. Qualidade de Sono, Depressão e Ansiedade em Universitários dos Últimos Semestres de Cursos da Área da Saúde. **Revista Neurobiologia**, n. 73. 2010.

CURY, A. **Ansiedade: Como enfrentar o mal do século**. 1º ed. São Paulo. Saraiva Editora; 2013.

FERREIRA, C. L.; et al. Universidade, contexto ansiogênico? Avaliação do traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n. 3. 2009.

GAMA, M. M. A.; et al. Ansiedade-traço em estudantes universitários de Aracaju (SE). **Revista de Psiquiatria**, Rio Grande do Sul, n.30 (1), 2008.

KUREBAYASHI, L. F. S.; PRADO, J. M. Eficácia da auriculoterapia na redução de ansiedade em estudantes de enfermagem. **Rev Esc Enferm., USP**, n. 46(5), 2012.

MASO, M. D.; FEITOSA, F. B. Um estudo comparativo entre dados sociodemográficos e neuroticismo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol.. 13, n. 3, 2013.

MENEZES, G. B.; FONTENELLE, F. L.; VERSIANI, M. Trans-cultural aspects of social anxiety disorder and related conditions: a Brazilian case series and a review of international clinical studies, **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, n. 55(3), 2006.

OLIVEIRA, E. N. **Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia**. Monografia (Conclusão de Curso). Salvador: UFBA, 2013.

PAULA, J. A.; et al. Prevalência e fatores Associados à Depressão em Estudantes de Medicina. **Journal of Human Growth and Development**, n. 24(3), 2014.

PEREIRA, S. M.; LOURENÇO, L.M. O estudo bibliométrico do transtorno de ansiedade social em universitários. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, n. 64, 2012.

QUINTINO, P. L.; et al. Estágios de mudança de comportamento para atividade física em universitários e fatores sociodemográficos associados. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Abr-Jun, n. 28(2), 2014.

REZENDE, C. H. A. de; ABRÃO, C. B; COELHO, E. P; PASSOS, L. B. da S. Prevalência de sintomas depressivos entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Uberlândia. **R. Bras. Educ. Med.**, Rio de Janeiro, n. 32 (3), 2008.



SERRA, R. D.; DINATO, S. L. M.; CASEIRO, M. M. Prevalence of depressive and anxiety symptoms in medical students in the city of Santos. **Jorn. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, set. 2015.

SILVEIRA C. et al. Saúde mental em estudantes universitários. **Acta Med Port.**, n. 24(S2), 2011.

SOUZA, L. **Prevalência de sintomas depressivos, ansiosos e estresse em acadêmicos de medicina**. Tese (doutorado). São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2010.

SZPAK JL, KAMEG KM. **Simulation Decreases Nursing Student Anxiety Prior to Communication With Mentally Ill Patients**. Clin Simulation Nurs. 2013.

TABALIPA, F. O.; SOUZA, M. F.; PFÜTZENREUTER, G.; LIMA, V. C.; TRAEBERT, E.; TRAEBERT, J. Prevalence of Anxiety and Depression among Medical Students. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 388-394, set. 2015.

VASCONCELOS, T. C.; et al. Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Recife, 2015.

VÁZQUEZ, G.H.; TONDO, L; MAZZARINI, L.; GONDA, X. Affective temperaments in general population: a review and combined analysis from national studies. **Journal of Affective Disorders**, n.139 (1), 2012.

VERGARA, K. M. A.; CÁRDENAS, S. D.; MARTÍNEZ, F. G. Síntomas de depresión y ansiedad en jóvenes universitarios: prevalencia y factores relacionados. **Rev Clín Med Fam**, v. 7, n. 1, 2014.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

MEDEIROS, P.P.; BITTENCOURT, F.O. Fatores associados à Ansiedade em Estudantes de uma Faculdade Particular. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Janeiro de 2017, vol.10, n.33, p. 43-55. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 23/11/2016

Aceito: 24/11/2016